



Feira da agricultura familiar e economia solidária de Paula Cândido: sua construção e desafios

Fair of Family Farming and Solidarity Economy in Paula Cândido: Its Development and Challenges

PAIVA, Mariana Silva de¹; DIAS, Marcelo Miná²; SILVEIRA, Diego Alexandre da³; SILVA, Maxuel Marcelino Miguel da⁴

¹ Universidade Federal de Viçosa, marianapaiva@ufv.br; ² Universidade Federal de Viçosa, minad@ufv.br; ³ Universidade Federal de Viçosa, diego.alexandre@ufv.br; ⁴ Universidade Federal de Viçosa, maxuel.silva@ufv.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O presente texto relata a experiência da articulação da Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Paula Cândido. O projeto acontece desde de novembro de 2021 e já obteve resultados significativos por aproximar as pessoas, promover inclusão socioprodutiva e gerar renda. A feira, através de seus produtos que possuem características marcantes de memórias afetivas, ancestrais e culturais, divulga a identidade local tendo a agroecologia ali presente, mesmo ainda precisando de mais ações para sua valorização. Muitos foram os desafios para que a feira fosse iniciada e até o momento muitas são as estratégias para atrair o público. Isso faz refletir que para o êxito de projetos de extensão as parcerias são fundamentais, assim como as iniciativas para o fortalecimento das capacidades técnicas e organizativas para a autogestão do grupo de agricultores(as) e artesãos que formam o coletivo de feirantes.

Palavras-Chave: autogestão; circuitos curtos de comercialização; agroecologia.

Contexto

Ao observar municípios de pequeno porte em terras mineiras onde a agricultura é a principal atividade econômica, tendo também as atividades manuais presentes de forma marcante, é possível idealizar uma feira de agricultura familiar e artesanato. E ao analisar sob várias perspectivas, fica clara a necessidade de não permitir que essa aconteça de uma forma convencional, e sim através de ações pautadas nos princípios da economia solidária e que também apresente e divulgue a agroecologia. Este trabalho relata a experiência da articulação da feira da agricultura familiar e economia solidária de Paula Cândido-MG, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais.

A Feira foi iniciada em novembro de 2021 com apoio de uma rede de parceiros composta pela Prefeitura Municipal, Emater, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa - ITCP/UFV que tem como objetivo desenvolver ações direcionadas ao fortalecimento e fomento a empreendimentos econômicos solidários. Era uma demanda antiga que passou por duas tentativas e surge da necessidade de iniciativas que despertem o potencial de inclusão socioprodutiva do



município, dando visibilidade aos produtos saudáveis e nutritivos que suas terras oferecem, e de ações que visem a sustentabilidade em todas as suas dimensões.

Paula Cândido, assim como muitos outros municípios da Zona da Mata de Minas Gerais, tem sua agricultura predominantemente familiar, onde as pessoas tanto na zona rural quanto na zona urbana em sua maioria se conhecem, sendo visível e comum a presença marcante de atravessadores desmerecendo o trabalho dos agricultores(as) e o potencial dos territórios em fornecer à população alimentos saudáveis, nutritivos e produzidos de forma sustentável. Por esse motivo viu-se a necessidade de ações voltadas para o fortalecimento de circuitos curtos agroalimentares que, de acordo com Darolt et al. (2013), trata-se de uma forma de comercializar de forma direta do produtor para o consumidor, isso associado a uma proximidade geográfica, com a condição de não haver mais de um intermediário. Nesses sistemas o agricultor além de produzir pode ser responsável por divulgar seu produto, estocar, embalar e distribuir. Os produtos comercializados através desse sistema conquistam o consumidor consciente sobre o consumo de itens dos quais se conhece a origem, pessoas que dão preferência a produtos cultivados sem agrotóxicos e que se sentem bem em contribuir com a economia local estabelecendo assim uma relação de confiança com o produtor.

De acordo com Costa et al (2019) as feiras são estratégias para a promoção de circuitos curtos de comercialização, pois aproximam produtores(as) e consumidores(as) e contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar, da economia solidária e da agroecologia. Sendo as feiras empreendimentos econômicos solidários, esses “são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente, de forma inteiramente democrática” (SINGER, 2008). A Economia Solidária compreende um conjunto de iniciativas baseadas na autogestão e na organização coletiva de atividades econômicas, que podem ser de produção, distribuição, circulação e consumo (COSTA et al, 2019), surge como contraposição ao modo de produção capitalista e une os trabalhadores para lutar por melhores condições de vida.

Descrição da Experiência

Em maio de 2021, no qual o cenário da política municipal e das instituições contavam com novos agentes públicos, foram iniciadas as conversas sobre a feira. Foi criada uma coordenação composta por uma representante da Emater, pelos secretários municipais de cultura e agricultura, pelo presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, por uma representante da associação de mulheres agricultoras, uma representante da associação de artesãs e por membros da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/UFV, esta última com a função de realizar a escrita do projeto, auxiliar no planejamento das ações articular e mediar as reuniões utilizando de metodologias participativas e apoiar as divulgações.

As primeiras reuniões foram virtuais por ainda ser um tempo de pandemia de COVID 19, o que trazia muitas incertezas em relação aos contatos com os possíveis feirantes e início da feira em si, mas foi um período que oportunizou um prazo para planejamento e escrita do projeto. Nas primeiras reuniões virtuais a questão geradora era: por que as duas tentativas anteriores da feira no município não deram



certo? Naquele momento, o principal motivo que surgiu foi em relação a pouca permanência dos consumidores, o perfil e a capacidade de compra deste público. Foi então a partir daí elaborada uma pesquisa on-line direcionada à população sobre hábitos de consumo, expectativas em relação a uma nova feira, dia da semana, horários e locais de preferências. Ainda virtualmente foi discutida entre a coordenação a necessidade de um subsídio por parte da gestão municipal. Outros assuntos também foram discutidos de forma virtual, como estrutura (barracas, energia elétrica, apoio de transporte) até chegar o momento de aproximação com os possíveis feirantes. A primeira assembleia para planejar a feira junto aos feirantes ainda obedecia aos protocolos de prevenção à Covid 19, sendo realizada no dia 16 de setembro de 2021, em uma escola municipal em espaço aberto, com uso obrigatório de máscara e álcool em gel. Este primeiro contato superou as expectativas devido a presença de 33 pessoas interessadas em serem feirantes. Nessa reunião os participantes se apresentaram dizendo de onde vieram e o que produzem, sendo apresentadas muitas variedades de possíveis produtos. Também foram colocados pelo ITCP-UFV os objetivos do projeto, assim como os sentidos e significados que uma feira da agricultura familiar e economia solidária traz para o município e para as pessoas diretamente envolvidas, como a inclusão social e produtiva, as relações de proximidade entre quem produz e quem consome, os preços justos e valores dados aos produtos, além de tudo o que pode ter em uma feira, como atrações culturais, ações educativas, etc. Foi exposto alguns resultados da pesquisa com os possíveis consumidores e direcionada a pergunta geradora: Por que as duas feiras anteriores não deram certo? As questões apontadas foram: o local e horário onde acontecia, a falta de estrutura e a diminuição do número de consumidores com o passar do tempo. Estes apontamentos eram assuntos para as reuniões da coordenação, que foram acontecendo sucessivamente antecedendo as reuniões com o grupo de possíveis feirantes, a qual foi diminuindo de público e aos poucos formando um grupo com aproximadamente 22 pessoas, sendo essas as realmente interessadas, com disponibilidade e produtos para a participação no momento e com o perfil para a atividade.

As questões chave, que possivelmente impediavam a continuidade das feiras anteriores foram sendo discutidas e encaminhadas possíveis soluções, até chegar o dia da prefeitura conseguir barracas para todos, transporte do distrito de Airões para a feira e funcionário para montagem das barracas. Coletivamente os feirantes decidiram que a feira deveria acontecer aos sábados de manhã, dias e momentos em que tem mais movimento na cidade. Quanto ao local, o coletivo também definiu que teria que acontecer na praça principal, impedindo o trânsito na rua. Mesmo com algumas resistências por parte da prefeitura, por gerar transtorno no trânsito, o pedido foi atendido.

No dia 20 de novembro de 2021 acontece a primeira edição da feira. Mesmo em um dia chuvoso o evento teve boa adesão da população e vendas satisfatórias, início que contou também com uma ampla divulgação pelas páginas das redes sociais de todos os parceiros. Após as duas primeiras edições foi realizada uma reunião na qual através de metodologia participativa baseada na matriz de diagnóstico FOFA-(Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), foi elaborado um quadro com tarjetas diagnosticando o que foi bom, o que foi ruim e o que precisa melhorar, o que gerou assuntos relacionados a responsabilidade dos



feirantes com o lixo gerado, um certo desentendimento em relação aos horários, a desmontagem das barracas e solicitações de reforço nas divulgações.

Com o passar do tempo, o número de feirantes foi variando com as saídas e entradas. Alguns não se adaptaram à rotina semanal de um feirante e de tudo que ela exige. Também houve um desânimo por parte de algumas artesãs por venderem pouco, sendo provavelmente devido a crise do momento pandêmico, no qual a prioridade para boa parte dos consumidores é a compra de alimentos. Um outro fato desolador foi o de uma feirante que faleceu de covid 19. Mas aos poucos a feira foi se consolidando, assim como o seu coletivo de feirantes. Através das assembleias gerais foi criado coletivamente o regimento interno, sendo este o documento que normatiza seu funcionamento. Este ainda é assunto de muitas discussões às vezes calorosas, pois mesmo tendo em seu conteúdo suas regras decididas pela maioria, existe a dificuldade em cumpri-las por parte do grupo em circunstâncias rotineiras, como a frequência nas feiras e nas reuniões, o cumprimento dos horários, a localização dos feirantes dentro do espaço, também a montagem e a desmontagem de barracas. Mesmo assim, o regimento assume grande importância em outros assuntos, como os objetivos da feira e os critérios para ingresso de novos integrantes, sendo resguardados os princípios da agricultura familiar, da agroecologia e da economia solidária.

No desafio de que em desacordo o grupo não se desarticule, as assembleias devem ter metodologias estratégicas para desenvolver o espírito da coletividade e solidariedade, sendo um processo de intervenção que crie vínculos entre os sujeitos e promovam assim a emancipação destes considerando e valorizando o conhecimento legítimo de cada um. Essas mediações assumem uma importância fundamental no projeto e são realizadas pela ITCP/UFV e pela Emater, na expectativa da construção coletiva de um saber que irá reger o cotidiano de ações do grupo resultando na autogestão, a qual pode ser entendida como “um conceito que encerra a ideia de uma forma de organização social em que os sujeitos têm autonomia e autodeterminação na gestão do trabalho e em todas as instâncias das relações sociais.” (TIRIBA, 2008 p 83.)

Estratégias para atrair público para a feira foram e vêm sendo implementadas, a lei municipal que institui a feira e o vale feira a servidores municipais foi uma conquista, o vale vem sendo referência na região, mas ainda com o desafio de fazer com que todos os servidores utilizem. O subsídio que é de dez reais mensais, no início não era cumulativo para o mês seguinte, porém com uma significativa quantidade de vales sendo perdidos, houve uma alteração para que seja válido durante dois meses a pedido dos beneficiados. De qualquer forma, nas datas em que o vale é liberado a feira fica movimentada, tendo aumento nas vendas. Dentro do coletivo de feirantes foi criada uma comissão de eventos, atualmente composta por três feirantes, uma representante da Emater e uma representante da ITCP/UFV. Essa comissão já organizou vários eventos na feira com recital de poesia, apresentações do grupo da terceira idade, rodas de capoeira, hip hop, aula de zumba, atrações musicais diversas, rodas de samba e de violeiros. Também foi realizada uma troca de sementes e mudas, a qual foi um momento de muita troca de conhecimentos sobre as plantas, suas propriedades, funções e usos antigos que algumas remetem. Todos os eventos já realizados na feira são demandados pelo público para que esses aconteçam com uma certa frequência. De tempos em tempos também



acontece na feira um bingo, este foi uma das primeiras ações de iniciativa dos próprios feirantes com o objetivo de angariar recursos para estruturar a feira.

A feira conta com feirantes de diversos perfis, tendo artesãs que a muitos anos pertenciam a associação do município, a qual atualmente está desarticulada, e outras que iniciaram a pouco tempo na função com grande incentivo da feira. Também tem quitandeiras que antes não eram conhecidas e que hoje atendem a muitos clientes, considerando a feira como o principal local de divulgação. O segmento de hortifruti oferece hortaliças, plantas medicinais, ornamentais e grãos diversos. No regimento interno consta em seu artigo 1º que “a feira destina-se à venda de produtos hortifrutigranjeiros sem agrotóxicos, oriundos da produção agroecológica, produtos da agroindústria artesanal de alimentos e bebidas, e artesanatos confeccionados pelos feirantes agricultores, microempresários e artesãos. Mesmo assim, ainda não há exigências, além da produção própria, para a entrada dos agricultores familiares na feira, ou seja, não foi imposto o impedimento a agricultores(as) que aplicam algum tipo de fertilizante ou agrotóxico. A coordenação entrou em consenso de que os agricultores que ingressaram são pessoas conhecidas por praticarem uma agricultura sem veneno, mas de qualquer forma não é possível afirmar que a feira é agroecológica, tomando como exemplo produtos como pó de café, que ainda são tradicionalmente exigentes em fertilizantes químicos e que culturalmente muitos cafeicultores têm dificuldades em abrir mão do uso dos herbicidas, mesmo que em quantidades mínimas.

As vivências de cada um, suas práticas agroecológicas e os problemas que ainda levam o uso de produtos não desejáveis na produção serão brevemente objetos de pesquisa e de formação dentro do coletivo, tendo em vista que a transição agroecológica para este grupo não seria um caminho tão complexo quando comparado com outras feiras. Ao mesmo tempo, os feirantes horticultores (as) afirmam que não usam nenhum tipo de veneno em seus cultivos, valorizam e preservam o solo e suas nascentes e, enfim, praticam a agroecologia em todas as suas perspectivas. Essas afirmações já foram constatadas por visitas realizadas pela Emater, estão presentes em atas de assembleias, vídeos de divulgação e conversas informais, sendo excelentes fontes de estudos e formações, assuntos para intercâmbios e motivos para a inclusão dessas pessoas em Sistemas Participativos de Garantia (SPG) os quais “visam assegurar, por meio do processo de avaliação participativa da conformidade, a garantia de que um produto, processo ou serviço atende a regulamentos técnicos da agricultura orgânica” (HIRATA et al, 2018 p.47). Recentemente foi iniciada uma sequência de encontros de formação, com os objetivos de promover a aproximação e sintonia entre os membros do grupo, apresentar a economia solidária, fortalecer a agroecologia e descobrir mais sobre sua presença na feira. Também serão realizadas oficinas para atender as demandas de capacitação em temas de relevância no cotidiano da feira que envolvem a qualidade dos produtos, embalagens, rotulagens, precificação, mídias sociais e marketing.

Resultados

A feira tem promovido a união de pessoas talentosas e todas com os mesmos objetivos, sendo a visibilidade e divulgação dos seus produtos, o aperfeiçoamento e



a otimização do processo produtivo. No entanto, ainda é vista a necessidade do entendimento por parte do grupo de que cada um é importante para que a feira aconteça e que seja despertado o pensar a feira como um espaço de interação, cultura, educação e lazer, administrado de forma autogestionária. É um desafio que ITCP/UFV junto com os parceiros vem enfrentando desde o início, mas que alcança pouco a pouco seus resultados, atendendo a demanda de cada um contribuindo para que os objetivos pessoais sejam alcançados e também somando com o coletivo assessorando, articulando e auxiliando no fortalecimento das capacidades técnicas e organizativas para que o alcance da autonomia.

Agradecimentos

Agradecemos carinhosamente aos feirantes por confiarem desde o início no projeto e aos parceiros na articulação.

Referências bibliográficas

COSTA, Bianca.A.L; SANTOS, Carla.C.B; PRIORE Silvia.E. Aproximando produção e consumo: a experiência do projeto de extensão “Quintal Solidário”. **Elo Diálogos em Extensão**, Viçosa, v.8 n.1 p. 9-14 jun/2019.

CULTI, Maria. N.; KOYAMA, Mitti. A.; TRINDADE, Marcelo. **Economia solidária no Brasil: tipologia dos empreendimentos**. São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

DAROLT Moacir.R; LAMINE. Claire, BRANDEMBURG. Alfio. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Agriculturas** 2013; 10(2):5.

HIRATA, Aloísia. R; ASSIS, Thiago R. P; ROCHA, Luiz C. D. A Constituição do Sistema Participativo de Garantia do Sul de Minas. Retratos de Assentamentos, São Paulo, v. 21, n. 1, pp. 47 - 69, 2018. Disponível em <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/296/266>. Acesso em 06 de julho de 2023

LARANJEIRA, Nina P.F. et al. Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na Associação Brasileira de Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 14, n. 2, p. 15, nov. 2019.

MILAGRES, Cleiton. S. F. et al. O empreendimento coletivo e seu papel no desenvolvimento comunitário: a ação extensionista na padaria artesanal “Mãos de fibra”. **Rev. Ciênc. Ext.** v.9, n.1, p.92, 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

TIRIBA, Lia. (2008). Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva**, 26 (1), 69-94.